

César deixará dívida de R\$ 2 bilhões

■ Próximo prefeito disporá de apenas R\$ 55 milhões para investir na cidade, em 97. Se quiser fazer obras, terá que rolar débitos

SIMONE LIMA

O prefeito César Maia deixará para seu sucessor uma dívida de R\$ 2 bilhões, um crescimento de 113% em relação aos R\$ 937,9 milhões que ele recebeu de seu antecessor, Marcello Alencar. O déficit do município, acumulado de janeiro a julho deste ano, foi de R\$ 222,8 milhões. O próximo prefeito, seja Luís Paulo Conde, Sérgio Cabral Filho ou outro candidato, terá que apertar o cinto e disporá de poucos recursos para cumprir suas promessas de campanha.

Os dados constam de uma auditoria internacional encomendada pela prefeitura e do relatório de execução financeira da Secretaria Municipal de Fazenda. A pedido do **JORNAL DO BRASIL**, os números foram analisados pela Comissão de Orçamento da Câmara de Vereadores, presidida pelo vereador Jorge Bittar (PT), e checados com a Secretaria Municipal de Fazenda. Eles indicam que a saúde financeira do município não vai tão bem como se divulga. Enquanto César fez a festa do eleitor este ano, gastando perto de R\$ 1 bilhão em obras, seu sucessor terá apenas R\$ 55 milhões para investir em 97, numa cidade que precisa melhorar seu sistema de educação e saúde.

Sobra — Os R\$ 55 milhões serão a sobra do que o prefeito terá de gastar com a folha de pessoal e o custeio, que são aquelas despesas inevitáveis com combustível, fornecedores, material de escritório, etc. Estima a Secretaria de Fazenda que a prefeitura deverá arrecadar, em 97, R\$ 2,415 bilhões, 15% a mais do que arrecadou este ano. Este será o total da chamada receita corrente, composta de impostos e transferências do estado e da União. Deste total, 60%, ou cerca de R\$ 1,5 bilhão, irão para a folha de pagamento e perto de R\$ 500 milhões para o custeio. Já são R\$ 2 bilhões.

Dos R\$ 415 milhões que restam, R\$ 360 milhões terão que ser destinados ao pagamento da dívida — R\$ 330 milhões para o resgate de Letras do Tesouro Municipal, as carioquinhas, e R\$ 30 milhões para amortização de empréstimos, de acordo com o calendário da Secretaria de Fazenda. Na ponta do lápis, sobram R\$ 55 milhões para investimentos, ou 2,3% da receita. A dívida terá fatia bem maior — 15% da receita.

Se o próximo prefeito quiser fazer obras, ficará a ver navios. Mesmo que tenha pretensões mais modestas que um Rio Cidade, orçado em R\$ 300 milhões. Em 1998, a situação não será muito melhor para o sucessor de César Maia. De acordo com o relatório da empresa americana de auditoria Merrill Lynch, o próximo prefeito terá que pagar, em seu segundo ano de governo, R\$ 330 milhões. O mesmo relatório informa que, em 99, a dívida cai para R\$ 211 milhões e que o ano 2000, o último da gestão, será o mais folgado: apenas R\$ 32 milhões de débitos com o governo federal e o Banerj para saldar, já que toda a dívida mobiliária (carioquinhas e Bônus Municipais, outro tipo de título do Tesouro) estará paga.

Encomendada por César Maia e divulgada em julho, a auditoria tinha o objetivo de expor a saúde financeira do município para que o prefeito tivesse êxito no lançamento de Bônus Municipais no exterior. De posse deste salvo-conduto, César lançou em julho R\$ 125 milhões em bônus.

A dívida no ano 2000 está tão baixa no relatório da Merrill Lynch porque uma resolução do governo federal, baixada no início de 1993, proibiu a rolagem de dívidas de estados e municípios a partir de 99. Isso significa que, se as regras mudarem, haverá ainda o que pagar de dívida mobiliária. No ano 2001, o sucessor do sucessor de César Maia terá, além dos títulos, R\$ 387 milhões em dívidas com o governo federal para quitar. Tudo isso no primeiro ano de sua gestão.

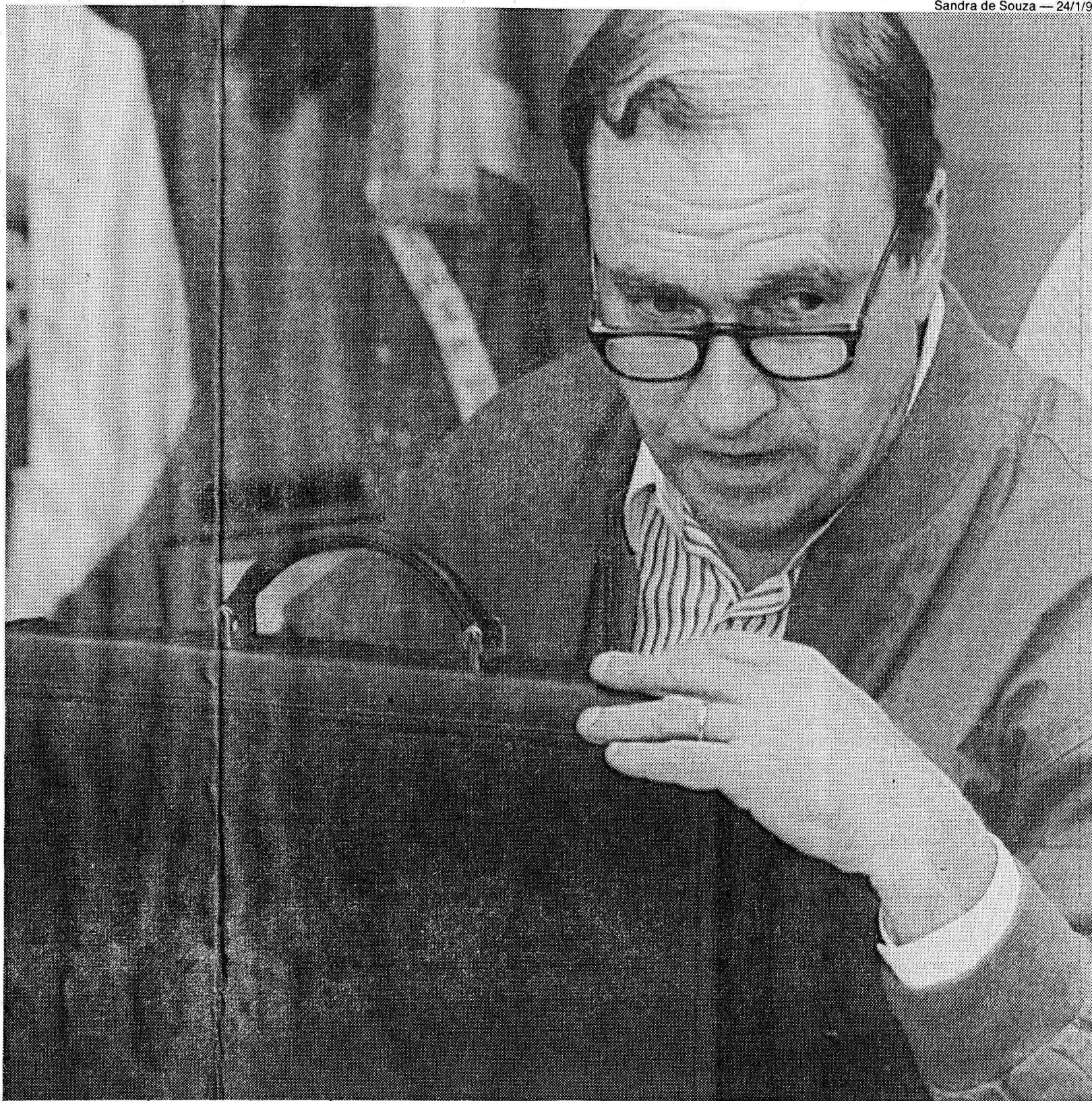
Juros — Os números, porém, não preocupam a Secretaria Municipal de Fazenda. Segundo o subsecretário Renato Vilela, a dívida cresceu 113% no governo César Maia porque as altas taxas de juros praticadas no país estão incorporadas ao valor das carioquinhas. “Se daqui para a frente não fizermos mais dívidas, não haverá problemas”, diz o subsecretário.

Segundo Vilela, o prefeito César Maia fez uma única emissão de carioquinhas, no começo de 93, primeiro ano de seu governo — no valor de R\$ 270 milhões —, pouco antes de o governo federal baixar resolução proibindo a emissão de novos títulos dos estados e municípios. Portanto, de acordo com o subsecretário, na dívida mobiliária do município ainda há resíduos das letras emitidas pelo governo Marcello Alencar.

Vilela argumenta que o déficit da prefeitura não é estrutural, ou seja, não significa despesas sempre maiores que as receitas. “A dívida só chegou a esse patamar porque gastamos muito em obras. Se descontado o componente obras, esse resultado negativo se transformaria num resultado positivo de R\$ 370 milhões”, calcula o subsecretário. “Se o ritmo de obras se reduzir, o déficit reverte”, completa.

Caixa — De fato, César Maia investiu pouco nos primeiros dois anos de governo — cerca de R\$ 150 milhões em 93 e outros tantos em 94 — e abriu o cofre nos dois últimos. Em 95, as despesas de capital (investimentos) do município foram de R\$ 524 milhões. Em 96, deverão chegar a R\$ 1 bilhão, exatamente a quantia que o prefeito alardeou ter em caixa no ano passado. Detalhe: quando César Maia anunciou o feito aos quatro ventos tinha, na verdade, de acordo com a Merrill Lynch, R\$ 703 milhões de dívida líquida, que é o resultado da dívida total menos o capital disponível em caixa.

Em resumo, como reconhece o subsecretário de Fazenda, o próximo prefeito não poderá transformar a cidade num canteiro de obras e, possivelmente, não ganhará fama de bom administrador como seu antecessor. A não ser que role a dívida, criando o efeito bola de neve. Uma bola de bom tamanho que não se sabe aonde vai parar.



César Maia reconhece que o próximo prefeito do Rio terá que rolar a dívida, mas acha que isso não será problema: “Rola até por telefone”

Sandra de Souza — 24/1/96